Esperar em Cristo somente para esta vida? (1Cor 15,19)

A felicidade brota da transcendência

Houve o tempo dos grandes projetos próprios de esperança. Tempo em que se pensava poder construir o reino de Deus com a força de muitos. A utopia realizável, a nova criação, parecia ao alcance do esforço humano. Chegou, porém, o tempo de uma maior sobriedade. Chegamos ao limite das nossas forças e dos grandes sonhos a elas ligados. É tempo de recuperar o valor da força da esperança que brota de Deus para o cotidiano de nossa luta contra as forças do mal e pela vinda do reino de Deus. Penso que precisamos recuperar para nós a radicalidade cotidiana da esperança. E o apóstolo Paulo representa bem, por um lado a imensa expectativa de transformação de toda realidade existente, por outro lado a paciência dos pequenos passos cotidianos que podemos dar. Consideremos o capítulo 15 da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios.

1. "MEUS AMADOS IRMÃOS, MANTENHAM-SE FIRMES E INABALÁVEIS E SEMPRE DEDICADOS À OBRA DO SENHOR" (v. 58)

As palavras do apóstolo Paulo visam o fortalecimento da esperança da comunidade para o esforço cotidiano em favor do testemunho evangélico no mundo. A esperança maior sempre está estreitamente ligada às esperanças bem concretas da lida diária.

Conhecemos, pelo menos em parte, as esperanças de Paulo no dia-a-dia de sua atividade missionária. A fórmula que emprega em suas cartas para expressá-las é "*elpízo gár/dé*"[1]. Em Rm 15,23-24 Paulo usa esta expressão para reforçar seu desejo de ver a comunidade de Roma em sua viagem para a Espanha. Visitar Roma era um plano há muito acalentado (Rm 15,22; 1,13). O desejo de chegar àquela cidade não é, porém, puramente pessoal; está, antes, ligado diretamente com o objetivo maior do apóstolo: a divulgação do evangelho pelo mundo todo. Por isto o "espero vê-los" faz parte do preparo do solo para a concretização da esperança

1. "pois/assim espero que".

escatológica. Também em 1Cor 16,7, onde Paulo espera passar um tempo maior com os cristãos de Corinto, seus planos pessoais estão relacionados com seu objetivo maior. Em Fl 2,19-24, Paulo está preocupado com a comunidade de Filipos e espera poder enviar Timóteo para que este traga notícias e colabore na promoção "da causa de Cristo" (v. 19 e 23), desejando ele mesmo ir em breve visitá-los (v. 24). Em Fm 22 Paulo expressa a esperança de ser libertado em breve da prisão e ser "presenteado" aos da casa de Filêmon (cf. Fl 1,20).

A palavra "*elpízo*"[2] expressa uma esperança bem concreta em função da esperança maior. Assim é em relação à comunidade de Corinto, da qual Paulo espera que ela cresça na compreensão da mensagem transmitida em suas cartas e não mal-entenda seu sentido (2Cor 1,13), o que equivaleria a mal-entender o sentido do evangelho, lançando dúvidas sobre sua mensagem (2Cor 5,11; 13,6). Paulo pode expressar o mesmo usando o substantivo "*elpís*"[3], o que reforça ainda mais o sentido da esperança concreta: em relação aos coríntios ele tem a firme esperança de que eles serão consolados dos sofrimentos por que passam (2Cor 1,7). Aqui a esperança tem um elemento de convicção, de certeza em meio à preocupação pelo bem-estar da comunidade. O uso do substantivo no sentido descrito ocorre também em 2Cor 10,15: Paulo tem esperança que o crescimento da fé dos coríntios venha engrandecer a sua própria imagem, o que, segundo ele, viria em benefício do anúncio do evangelho tanto em como além de Corinto. Vemos aqui que as esperanças bem concretas do apóstolo Paulo estão relacionadas com a sua vocação, havendo uma identificação de seu cotidiano com seu trabalho em favor do evangelho. Vemos, portanto, a esperança ativa no cotidiano do apóstolo, orientando seus planos e sua visão da tarefa a cumprir.

2. "TODOS OS DIAS MORRO, IRMÃOS" (v. 31)

Mas em que se baseiam essas esperanças cotidianas? Certamente não em suas realizações visíveis, pois o trabalho do apóstolo acontece em meio a muita tentação e muito sofrimento. Necessidades físicas e materiais, doença, mal-entendidos, brigas, divisões nas comunidades, preocupações, perseguições (cf. 2Cor 11,23-28). O trabalho é árduo, o chão é duro. Ele vive a esperança sob o signo da cruz (2Cor 4,7-12). A cruz é o que os olhos captam. O que se vê não é fonte de esperança. Ao contrário, o que os olhos vêem geralmente se contrapõe à esperança: "Esperança que se vê não é esperança; pois quem espera o que vê?" (Rm 8,24b) "Esperamos o que não vemos" (Rm 8,25a)[4].

O que vemos agora provoca o "lamentar (*stenázo*)" (Rm 8,23), do qual participa toda a criação, que "lamenta e sofre dores com" os que anseiam pela salvação (Rm 8,22). A realidade presente contrasta com a esperança. A dor e o sofrimento ativam a esperança, fazendo crescer a expectativa pela realização

2. "eu espero".

3. "esperança".

4. Cf. Hb 11,1, onde "o que se espera" é paralelo ao "que não se vê"; cf. tb. 2Cor 5,7.

plena da salvação. O sofrimento e o esforço do presente constituem uma provação que produz esperança (Rm 5,4). Nisso consiste o aspecto positivo da realidade visível: com sua negação da esperança pelos "sofrimentos do presente" ela provoca em quem crê uma expectativa tanto maior pelo "incomparavelmente melhor" prometido por Deus (Rm 8,18).

Mas não só uma expectativa. Também uma ação bem concreta, valente e decidida. A esperança nos leva a enfrentar as "feras". "Por que estamos nos expondo a perigos o tempo todo? (...) Se foi por meras razões humanas que lutei com feras em Éfeso, que ganhei com isso?" (1Cor 15,30.32). Pode até acontecer, mas a esperança não precisa estimular uma fuga da realidade. A conseqüência mais certa é a reação frente à realidade. A esperança se torna, então, um elemento crítico à realidade. Esta não contém em si mesma nenhuma fonte de esperança. O apóstolo olha com os olhos da fé e da esperança para além da realidade, esperando que surja através dela a plenitude da salvação ainda ausente. "Na esperança fomos salvos" (Rm 8,24a).

3. "SE ESPERAMOS EM CRISTO SOMENTE PARA ESTA VIDA, DE TODAS AS PESSOAS SOMOS AS MAIS INFELIZES" (v. 19)

Por não se basear na realidade presente, a esperança não depende da mesma e nem se realiza dentro da mesma. A esperança transcende a realidade. Quem crê olha para além do que vê. Por isso é capaz de "ter esperança contra toda esperança" (Rm 4,18), como Abraão, que manteve a esperança de ser pai até para além das limitações biológicas, suas e de sua esposa. Uma esperança puramente imanente não é esperança cristã. Limitar-se ao visível aqui e agora é traçar uma caricatura mal feita da dimensão abrangente da promessa e da obra de Deus em Jesus Cristo. É desenhar uma esperança que morre, mesmo que por último. Por isso Paulo pode afirmar em 1Cor 15,19: "Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, de todas as pessoas somos as mais dignas de compaixão". O lavrador não amolda sua esperança ao chão, mas ativado pela esperança transforma o chão. A esperança elabora utopias transformadoras da realidade, porque se inspira numa promessa de realidade "incomparavelmente melhor". Somente assim ela "pode ser a força que determina o presente"[5].

4. "TODOS SEREMOS TRANSFORMADOS" (v. 51)

Mas o que é esse "incomparavelmente melhor"? Qual é o conteúdo da esperança para Paulo? De maneira geral, é todo o bem que se pode esperar de Deus e que só pode ser descrito parcialmente com figuras e metáforas de nossa realidade. É algo incomparável. É "ser salvo" (Rm 8,24a), o que no contexto desta passagem significa "a redenção do corpo", "a adoção como filho/a" (8,23), "ser libertado da prisão da mortalidade", "a liberdade da glória de ser filho/a de Deus" (8,21)[6]. Ser salvo é estar livre da ira de Deus (1Ts 5,9). A salvação é, para Paulo,

5. CONZELMANN, Hans. *Grundriss der Theologie des Neuen Testaments*. 4. Aufl., Tübingen, J. C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1987, 212.

6. Cf. Fl 3,20s.

a atribuição da glória de Deus; o contrário é "carecer da glória de Deus" (Rm 3,23). Ser salvo é receber a imagem de filho/a de Deus (Rm 8,29). "*Sotería*"[7] é, portanto, em primeiro lugar, um conceito "escatológico futuro"[8] que aponta para a realização de nossas utopias de um ser humano e um mundo renovados.

Mas o conteúdo central da esperança é formulado por Paulo como "ressurreição dos mortos", com base no fato concreto da ressurreição de Jesus Cristo (1Cor 15,19-22; cf. 1Pd 1,3)[9]. Parece que esta esperança fundamental para Paulo foi a que mais causou espanto e mal-entendidos entre os que ouviram sua pregação (cf. At 23,6; 26,6.7; 28,20). Os coríntios, por exemplo, entenderam a mensagem de uma forma bem diferente. Entenderam que a ressurreição se realiza no presente (v. 19a). Sendo assim, nada resta para além da morte (v. 19; 1Ts 4,13; cf. Ef 2,12). Com isso desfizeram o ponto essencial da esperança cristã e reduziram-na ao aspecto visível, ao prazer de agora. "Comamos e bebamos que amanhã morreremos" (v. 32b). Para o apóstolo o fato da ressurreição dos mortos está, de qualquer maneira, assegurado pela ressurreição de Cristo, sendo esta a base da sua e da nossa esperança. "O último inimigo a ser destruído é a morte" (1Cor 15,26).

5. "EIS QUE LHES DIGO UM MISTÉRIO:..." (v. 51a)

O "mystérion" de 1Cor 15,51 se refere à forma como acontecerá a ressurreição. Para tentar satisfazer a curiosidade da fé, que quer ver antes do tempo, Paulo usa diversas metáforas, com as quais tenta visualizar o incomparável da esperança (1Cor 15,35-49). Segundo Conzelmann[10], tanto esta passagem como a de 2Cor 5 mostram não só o conflito entre Paulo e seus críticos em Corinto, mas também o conflito de Paulo consigo mesmo: "O profundo conflito entre o que se quer indicar e os meios descritivos de que se dispõe, entre futuro, esperança por um lado e concepção antropológica de outro". As metáforas da semente e dos corpos, do vestir-se ou da chegada triunfal do rei vitorioso são tentativas de descrever o que ainda não foi visto. Paulo emprega figuras tiradas do contexto grego/gnóstico (1Cor 15; 2Cor 5), como também motivos apocalípticos (1Ts 4,13-18; Fl 4,5; 1Cor 7,29; 15,51; Rm 13,11). Mas ele é reticente em desenvolvê-los. No fundo são somente imagens da esperança, difusas como as refletidas num espelho rudimentar (1Cor 13,12). Em Paulo as imagens do futuro não são um tema para si; ele as usa para consolar (1Ts 4) ou para corrigir idéias erradas (1Cor 15; 2Cor 5)[11]. Não se trata de dizer como exatamente vai ser, mas de dar uma idéia de como pode ser. Isso

7. "salvação".

8. FOERSTER, Werner. Art. *sozo, soteria, ktl.* in: FRIEDRICH, Gerhard. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. 7. Bd. Stuttgart, W. Kohlhammer Verlag, 1964, 992.

9. V. BRAKEMEIER, Gottfried. A esperança na segunda vinda de Cristo em sua importância para a teologia do apóstolo Paulo. In: *Estudos teológicos*. São Leopoldo, (1):11-12, 1969.

10. CONZELMANN. *Grundriss*, 207.

11. Cf. CONZELMANN. *Grundriss*, 205; BORNKAMM, Günther. *Paulo. Vida e obra*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1992, 244.

indica que as metáforas não ocupam um lugar para si, nem são indispensáveis à esperança, o que não quer dizer que tenham de ser necessariamente negativas ou prejudiciais. A flexibilidade com que Paulo vê a questão nos dá liberdade para desenhar criativamente os contornos de nossas utopias da maneira como nós imaginamos o mundo renovado, sem nos prendermos a fórmulas pré-fixadas.

6. "... A FIM DE QUE DEUS SEJA TUDO EM TODOS" (v. 28)

Qual o fundamento da esperança do apóstolo? É o "Deus da esperança" (Rm 15,13), o autor de toda a esperança cristã, destinando toda a criação para a vida (1Ts 5,9-10) por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo (1Cor 15; Rm 14,9; 1Ts 4,14). Esse Deus é o que "vivifica os mortos e chama de existente o que não existe" (Rm 4,17). Deus cria um fato novo para além da realidade presente e convida a criatura através da pregação do evangelho a colocar toda fé e esperança nele (1Cor 15,1-11). Com base nesse fato, o cosmos já é nova criação (2Cor 5,17), embora aguardando a plenitude da promessa (Rm 8,19-25). Ressurreição é nova criação[12].

7. "ONDE ESTÁ, Ó MORTE, A TUA VITÓRIA?" (v. 55)

Com isto Deus coloca na mão de quem crê, em especial do apóstolo, a pressuposição para uma nova maneira de viver. Diante de uma grande ameaça, que praticamente o fez desesperar da vida, Paulo experimentou "no Deus que ressuscita os mortos" o livramento e a esperança "de que Deus continuará a livrá-lo" da morte (2Cor 1,8-11). "Aquele que perder a sua vida por minha causa, irá salvá-la." A esperança cristã não necessita se agarrar à vida presente, pois tem uma incomparavelmente melhor prometida. Isso não é fuga do mundo, mas liberdade diante do limite maior da realidade presente, da morte. Tal fato é motivo de alegria (Rm 12,12) e até de um certo orgulho (Rm 5,2; cf. Hb 3,6), baseado na certeza de que a esperança não vai ser motivo de envergonhar-se (Rm 5,5; Fl 1,20; cf. Rm 1,16); disto resulta a "parresía", a liberdade de proclamar a esperança contra toda a esperança (2Cor 3,12; Fl 1,20; Rm 5,5).

8. "... SABENDO QUE, NO SENHOR, O TRABALHO DE VOCÊS NÃO É EM VÃO" (v. 58)

Assim, a mensagem da esperança de Paulo tem um direcionamento parenético fundamental[13], ou seja, ele fala diretamente para o cotidiano da comunidade que crê em Deus. Tem a função de consolar, corrigir ou prevenir atitudes ou concepções erradas. A postura de quem tem esperança é a de vigiar, a de estar acordado e sóbrio (1Cor 16,13; 1Ts 5,6.10; cf. Rm 13,12s). Condizem com esta atitude a perseverança e a paciência (1Ts 1,3; Rm 5,4; 8,25; 15,4; 1Cor 13,7). É, portanto, um princípio de vida que proporciona uma atitude "firme, corajosa e forte" (1Cor 16,13). Tem a ver com a "parresía" mencionada acima. A esperança está intrinsecamente ligada ao cotidiano: é ter consciência de que, no Senhor, o

12. CONZELMANN, Hans. *Grundriss*, 209.

13. BORNKAMM, Günther. *Paulo*, 251.

nosso esforço não é em vão (1Cor 15,58). A esperança tem, assim, um aspecto de resistência. Não uma resistência passiva, mas uma resistência ativa e transformadora. Enquanto espera, age. "Quem espera em Cristo não pode mais contentar-se com a realidade dada, mas começa a sofrer por causa dela, a contradizê-la"[14].

9. "GRAÇAS A DEUS QUE NOS DÁ A VITÓRIA POR MEIO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO" (v. 57)

Em meio aos conflitos do tempo presente, diante das "feras" que ameaçam a vida, somos chamados a crer no Deus que nos dá a vitória em Cristo e a proclamar esta vitória *in spe*, na esperança de sua plena realização. Assim conjuga-se a ação de Deus com a ação da comunidade. Mas esta só é possível porque Deus agiu primeiro e, por meio de sua misericórdia e graça, nos deu antecipadamente a vitória sobre as forças do mal que afligem este mundo.

Nélio Schneider
Rua Martim Lutero, 274
93030-120 São Leopoldo – RS

14. MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo, Ed. Herder, 1971, 9.